

BOLETIM da CBAI



COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL

PROGRAMA DE COOPERAÇÃO EDUCACIONAL MANTIDO PELOS GOVERNOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Vol. XIV	MARÇO	ABRIL — 1960	N.º 1
----------	-------	--------------	-------

ADMINISTRAÇÃO DA CBAI

Superintendente: Dr. Francisco Montojos.
 Chefe da Delegação Americana: Dr. Arthur F. Byrnes.

ENDEREÇO:

Av. Marechal Câmara, 350 — 8.º andar.
 Rio de Janeiro - D. F. - Brasil.

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Co-Diretor: Dr. Lauro Wilhelm.
 Diretor Técnico Americano: Alton D. Hill.

ENDEREÇO:

Escola Técnica de Curitiba
 Av. 7 de Setembro esq. Westfalen.
 Curitiba — Paraná — Brasil.

SUMÁRIO

EDITORIAL:

A nova lei é boa.

NOTICIÁRIO:

- Artes Industriais.
- Seminário de Professores do Curso de Formação de 1960.
- Conferência do Professor Marcos Pontual.
- Novo Diretor Americano.
- O Cinquentenário do Ensino Industrial na E. T. de Vitória.
- Cel. Ernâni Santos na E. T. C.
- Autoridade Educacional Golana entre nós.
- Treinamento de Orientadores Educacionais para o Ensino Industrial. (Continuação do número anterior).
- Notícias de Ouro Preto. (Continúa no prox. número).

EDITORIAL:

A NOVA LEI É BOA

Iniciamos, com este número, um novo ano de atividades do BOLETIM.

Queremos aqui expressar nossos votos que o ano há pouco iniciado seja, para os leitores do BOLETIM, de proficuas realizações.

O ano de 1960 apresenta-se como decisivo para a vida política, econômica e educacional do Brasil. Vamos cuidar só deste último aspecto, já que não nos cabe considerar os outros.

A lei 3552 de 1959 entrou em vigor em janeiro deste ano.

A grande interrogação é se ela trará todos os bons resultados que dela são esperados, para se fazerem afirmações a respeito. A árvore é conhecida pelos seus frutos. Não temos ainda frutos da nova orientação. Uma coisa, contudo, podemos garantir: o espírito da lei é bom, é ótimo mesmo. Aquêles que a elaboraram, tiveram a melhor das intenções.

Muitas vezes uma lei é tachada de má. Maus são os homens que a interpretam e procuram aplicá-la, atentando mais para os seus interesses personalistas, do que para os reais interesses da coletividade.

Creemos que se nós olharmos para a lei 3552 com espírito elevado, tôdas as convulsões que já se esboçam, e são naturais em mudanças de regime, passarão sem conseqüências mais desagradáveis, como simples tempestade em copo d'água. Vamos esforçar para que assim seja, pois o ensino não é do Ministro nem do Diretor, nem de qualquer outra autoridade, mas do povo brasileiro.

ARTES INDUSTRIAIS

Temos a satisfação de apresentar hoje aos nossos leitores o trabalho de autoria do técnico americano Stanley Hagen, intitulado **Artes Industriais**.

O assunto é novo para a maioria do nosso pessoal, pois é coisa introduzida agora, por exigência da lei 3552/59.

Nos Estados Unidos, no entanto, é coisa mais velha, da qual já se conhecem os frutos.

Mr. Hagen conceituou muito bem o assunto e apresentou interessantes sugestões que esperamos possam ser de grande utilidade para muitos.

ARTES INDUSTRIAIS

Stanley G. Hagen
Técnico Americano

Tradução de Zedir Cardoso

Um grupo de administradores escolares reuniu-se, em novembro de 1959, em São Paulo, para discutir os efeitos da nova lei n.º 3552, do ensino industrial, sobre os futuros currículos das escolas industriais e o treinamento dos futuros professores das escolas industriais. Estiveram presentes à reunião Dr. Francisco Montojos, Diretor do Ensino Industrial e Superintendente da CBAI, prof. João B. Sales e Silva, coordenador de cursos da VI região do SENAI, além de outros administradores. De acordo com a nova lei serão introduzidas certas alterações nos currículos de nossas escolas industriais e técnicas, alterações essas que serão do interesse de professores e alunos. Os currículos futuros incluirão os seguintes cursos:

A. Curso Básico.

1. Duração de 4 anos.
2. Os alunos podem se matricular com 10 anos e meio.
3. Requisito — ter recebido certificado de conclusão da escola primária.

B. Curso de Aprendizagem.

1. Duração de 2 anos.
2. Os alunos podem ingressar com a idade de 14 anos.



Mr. Stanley Hagen, autor de "Artes Industriais".

3. Requisito — Ter recebido certificado de conclusão da escola primária.

C. Curso técnico.

1. Duração de 4 anos.
2. Os alunos podem ingressar com a idade de 14 anos.
3. Requisito — Ter o curso industrial básico ou equivalente.

Todos nós conhecemos bem os cursos B e C mas a natureza do curso A, o Básico, introduz um novo problema, somado a muita confusão, de modo que gostaria de tomar a liberdade de explicar isso

Problemas no curso básico

nos termos das exigências expressas na lei n.º 3552, apresentando também alguns conceitos de outros especialistas neste campo.

O Curso Básico é, com efeito, um programa de artes industriais, e neste particular difere enormemente do Curso de Aprendizagem e do Curso Técnico. Esses dois últimos cursos, como V. S.^a sabe, destina-se a preparar os jovens para futuros empregos na indústria. Em outras palavras, dá-se maior ênfase no desenvolvimento de habilidade que a indústria requer e necessita. Dentro da lei, no entanto, o objetivo primordial do Curso Básico é, não treinar jovens para a indústria, mas oferecer-lhes, não só experiências industriais mas também matérias de cultura geral. Na realidade, este programa será muito semelhante ao currículo do Ginásio, porém com amplas experiências gerais de oficina. Após a conclusão do Curso Básico um aluno poderá continuar seus estudos nas escolas secundárias, se for esse o seu desejo. Temos, portanto, agora, o problema de modificar nossos programas de oficina para ajustá-los às exigências deste programa de Artes Industriais.

Desejo, uma vez mais, salientar que em Artes Industriais não procuramos treinar nossos alunos para que se tornem operários especializados. Eles terão oportunidade para isso no Curso de Aprendizagem ou no Curso Técnico, caso o desejem. Um dos objetivos mais importantes do programa de ar-

"A escola passa a ter essa importante função social. É nela que despertarão os sentimentos da criança para o trabalho. Há-de ser nela que a criança aprenderá a trabalhar em comum, educando-se em função do grupo, que é uma realidade social. Ali adquirirá os elementos essenciais à compreensão dos problemas da vida, e identificar-se-á com o caráter da sociedade nova. Desde aquele ambiente, passará a entender que todo o trabalho tem uma técnica e, logo lhe seja possível, conhecerá a técnica correspondente às suas aptidões e às necessidades do meio. Dentro desse espírito técnico, desenvolverá a sua capacidade, associando-a à dos seus companheiros afins, para a formação dos grupos homogêneos. Desde cedo, sentirá que a produção, para ser racionalizada, obedece a um processo inteligente de distribuição. E a escola é a primeira revelação para os espíritos infantís, das realidades do mundo social".

CELSO KELLY

tes industriais é o interesse do aluno. Queremos que nossos alunos se interessem pelos processos industriais e portanto estimulamos o seu interesse concedendo-lhes inteira liberdade de escolha de trabalhos de oficina. Não dizemos "Pedro, seu próximo trabalho será este", ao contrário dizemos "Pedro, você pode escolher seu próximo trabalho de uma lista que aqui está". Em outras palavras, tentamos através de uma orientação cuidadosa, ensinar coisas úteis e boas e ainda desenvolver a capacidade do jovem em planejar e tomar suas próprias decisões. Devemos oferecer ampla margem de experiência de oficina, com um período relativamente curto em cada especialidade, para que o aluno possa travar conhecimento com múltiplas atividades industriais fornecendo-lhe desde modo uma boa base de conhecimentos para que o aluno possa ter amplo campo para escolha de sua futura ocupação. Devemos sempre que possível, conceder experiências em artes industriais não só para meninos como para meninas, pois o orgulho em poder fazer objetos úteis e belos, e o conhecimento do uso e da utilidade de ferramentas manuais e simples, é um objetivo importante para ambos os sexos e conduz também ao desenvolvimento de passa-tempos que valem a pena. Muitos outros objetivos de natureza geral tais como, desenvolvimento do sentido de cooperação, de solidariedade e respeito aos direitos de outros, devem também ser levados em conta, quando do preparo dos nossos programas de artes industriais, pois, a realização desses objetivos pode muitas vezes ser mais prontamente obtida em uma situação de oficina do que em qualquer outra.

Durante a conferência em São Paulo ficou também decidido que, provavelmente, a melhor maneira de incluir atividades de artes industriais em nossos programas de oficina seria utilizar as facilidades em nossas oficinas, estabelecendo-se um rodízio de pleno conhecimento de todos.

A maneira ideal, para o tipo de oficina de artes industriais, é incluir várias atividades diferentes porém correlatas, na mesma oficina, mas como nós não temos esse tipo de oficina, podemos aplicar um sistema de rodízio de alunos pelas várias atividades de oficina. O plano seguinte é um método de adaptar as oficinas que temos, atualmente, nas escolas ao programa de artes industriais. Foi justamente um programa de rodízio distribuído em um período

de tempo mais longo, de dois anos realmente, o que foi recomendado na Conferência de São Paulo.

Sugestões de programa de Artes Industriais baseado na capacidade da E. T. C.

Curso Básico — 1.^a e 2.^a séries.

160 alunos, 72 semanas, 3 períodos de 9 semanas cada.

8 grupos — A a H.
1 1/2 hora por dia, à tarde.
7 1/2 horas por semana.

Período	Serralheria	Ajustagem	Tipografia	Madeira	Eletricidade	Fundição	Couro	Desenho
1	A	B	C	D	E	F	G	H
2	B	C	D	E	F	G	H	A
3	C	D	E	F	G	H	A	B
4	D	E	F	G	H	A	B	C
5	E	F	G	H	A	B	C	D
6	F	G	H	A	B	C	D	E
7	G	H	A	B	C	D	E	F
8	H	A	B	C	D	E	F	G

O esboço acima é simplesmente a sugestão de um plano baseado nas atividades de oficinas que temos na Escola Técnica de Curitiba. É recomendável que se evite o uso de maquinária perigosa, nos dois primeiros anos do programa de artes industriais, devendo ser usadas pelos alunos durante esse período, somente máquinas menos perigosas, como a serra tico-tico e a máquina de furar. Contudo é muito recomendável que o instrutor faça demonstração de outras ferramentas mecânicas, como meio de estimular o interesse e fornecer conhecimentos dos processos industriais.

Consideremos, em breves palavras, o conteúdo do curso que deve ser dado no nosso programa de 2 anos, de artes industriais. Devemos nos lembrar que nossos alunos são muito jovens e não podemos esperar deles a perfeição que poderíamos esperar de alunos mais velhos. O trabalho que oferecemos deve ser muito elementar quanto à natureza e não deve consistir de exercícios destinados à especialização. Devem ser escolhidas coisas que apelem ao interesse mesmos ou presentes para seus pais. Trabalhos dessa natureza exercem forte atração sobre os meninos e estimularão seu natural entusiasmo para esforços maiores. Deve haver um centro de planejamento na oficina com um suprimento de livros e revistas que contenham projetos simples para que os alunos possam escolher aqueles trabalhos que lhes interessem.

O papel dos instrutores é orientar seus alunos, fazer sugestões, mostrar-lhes como e porque as coisas são feitas, mas deixar ampla oportunidade para a auto-expressão, no que concerne à escolha e execução dos projetos de trabalho. Por exemplo, consideremos a entalhação de madeira como uma atividade de artes industriais. Entalhar uma peça decorativa para um móvel não significaria nada para o menino, ele não veria a necessidade de tal operação e perderia imediatamente o interesse, mas se lhe fosse apresentado um pequeno animal de madeira ou um porta-joia com uma parte de entalhação como projetos de trabalho, ele demonstraria aceitação muito mais pronta e ao mesmo tempo iria mais longe no processo de aprendizagem, porque é reconhecido de todos que uma criança interessada aprende muito mais rapidamente do que uma desinteressada.

A questão agora é o que deverá ocorrer no programa de 4 anos de artes industriais depois de cumpridos os dois anos de rodízio. A intenção da lei n.º 3552 é fornecer experiências de oficina para os 4 anos, do tipo de artes industriais, e assim, depois de muita discussão e considerações em torno dos programas em outros países, ficou decidido, na conferência de São Paulo, que se deva facultar aos alunos da 3.^a e 4.^a séries a escolha da atividade de oficina que mais lhes interesse. Não só atividade de oficina, específica, mas um campo de experiências que poderia incluir 4 ou 5 atividades de oficina

(Conclue na pág. 15)

Seminário de Professores do Curso de Formação de 1960

Teve início no dia 11 de janeiro de 1960 o Seminário do professorado do Curso de Formação de 1960.

Precisamente às 9 horas, o Dr. Lauro Wilhelm, diretor da Escola Técnica de Curitiba e diretor brasileiro do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores, deu início aos trabalhos, saudando os presentes e fazendo votos pelo sucesso do conclave. Dr. Wilhelm fez, então, a apresentação dos novos técnicos americanos chegados há pouco, Sr. Alton Hill, atual diretor americano, Sr. Walter Mertz, técnico em serralheria e Dr. Harry W. Paine que, embora já estivesse em Curitiba antes dos dois primeiros, ainda não era conhecido de todos. O Dr. Paine é encarregado de orientar a produção de material didático do centro. Sobre a figura do Dr. Paine o BOLETIM já teceu considerações.

Cada um dos novos técnicos fez um pequeno discurso em que todos demonstraram a satisfação de estarem em Curitiba e o desejo de cooperar ao máximo para o aprimoramento do centro.

A seguir, o prof. Ricardo Knesebeck, coordenador do Curso de Formação, fez a apresentação dos temas para estudo e sua respectiva distribuição pelos professores do curso. Ficou, então, estabelecido que o professor encarregado da apresentação usasse a primeira hora da sessão para aquela posição e o restante fosse destinado aos debates.

Os trabalhos correram de maneira muito satisfatória, excedendo, creio, a expectativa da administração. Houve sempre discussões, às vezes bastante acaloradas, já que surgiram divergências de idéias, tudo porém com ótimo espírito e grande camaradagem.

Todos os professores apresentaram seus programas que foram apreciados e debatidos nas reuniões.

Transcreveremos, no próximo número, a lista dos objetivos do curso para o ano de 1960. Todos esses assuntos foram detidamente discutidos pelos convencionais que acordaram quanto a todos os itens.

→
Aspecto da sessão inaugural do Seminário de professores. Ao centro o Diretor da E.T.C. e Diretor brasileiro do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores, Dr. Lauro Wilhelm, ladeado por Mr. Alton Hill, Diretor americano e prof. Ricardo Knesebeck, coordenador do curso.



CONFERÊNCIA DO PROF. MARCOS PONTUAL

No dia 1.º de fevereiro próximo passado o Prof. Marcos Pontual veio de São Paulo falar aos professores do Curso de Treinamento, reunidos em seminário, na Escola Técnica de Curitiba.

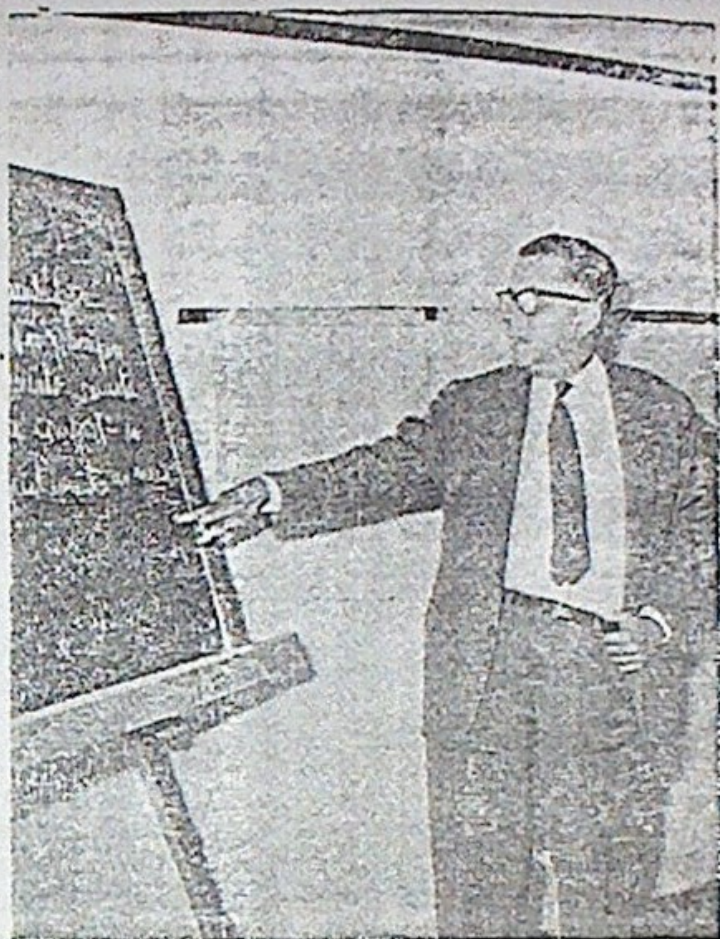
A conferência do Prof. Pontual versou sobre "O que deve saber o professor sobre Psicologia da Aprendizagem."

O professor Pontual falou nas sessões da manhã e da tarde, e tratou tão bem do assunto que ao invés de cansar aos ouvintes manteve-os sempre atentos e interessados.

Na sua palestra o conferencista conceituou a psicologia, deu-lhe os objetivos, discorreu sobre as curvas da aprendizagem, falou sobre a "forma" na aprendizagem e terminou fornecendo-nos interessante bibliografia.

Pelo que este Redator pôde observar, todos ficaram plenamente satisfeitos com a conferência do Prof. Pontual pela sua propriedade.

O conferencista deslocou-se de S. Paulo a Curitiba e retornou no mesmo dia, num tremendo esforço para cooperar com o Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores, o que atesta seu grande interesse pelo mesmo.



O Prof. Marcos Pontual quando fazia sua explanação sobre "O que deve saber o professor sobre Psicologia da Aprendizagem".



←
Outro aspecto da palestra do Prof. Marcos Pontual aos professores da CBAI, reunidos em seminário.

Novo Diretor American

O nosso personagem de hoje é o Sr. Alton D. Hill que há pouco assumiu a direção do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores, em Curitiba, pela parte americana.

Vamos dar a seguir os dados biográficos de Mr. Hill.

Filho de pais pioneiros, Alton Hill nasceu em ambiente bastante pobre, no estado norte americano de North Dakota. O menino Alton nasceu em uma casa feita de blocos de terra trançados de raízes, desses arrancados pelo arado, e criou-se em fazenda.

O Sr. Hill casou-se com D. Winifred, nascida e criada na Inglaterra.

Do casamento nasceram três filhos: Barbara Ann, de 13 anos, na Alemanha, Reginald J., de 11 anos, também na Alemanha, e Peter M., de 7 anos, no estado norte americano de Wisconsin.

Apesar de sua origem tão modesta, o Sr. Hill recebeu uma educação bem considerável, pois conquistou os títulos de Bacharel em Artes e Mestre em Ciências, pela Universidade de Minnesota, além de cursos de verão, no Colégio Estadual de Pensilvânia e vários cursos breves sobre liderança e supervisão na indústria.

Antes de conquistar os títulos citados, o nosso personagem teve de percorrer uma longa estrada que não foi de modo algum plana, pois que passou vários anos labutando na agricultura, 3 anos na parte de construção mecânica de carros de estrada de ferro, 2 anos em trabalhos de carpintaria e concreto e 3 anos em garagem e bomba de gasolina.

Sua experiência no campo educacional foi conquistada através de onze anos como professor de matérias industriais, em escolas secundárias, dois anos como coordenador de Educação Vocacional, em escolas secundárias, um ano como Assistente Estadual de Supervisor em educação profissional do Estado de Minnesota, cinco anos como professor de Educação Industrial da Universidade de Minnesota, seis anos como especialista em Educação Vocacional para o governo dos Estados Unidos na Alemanha, e sete anos como Diretor de Educação Vocacional e Educação de Adultos, em Racine, no Estado de Wisconsin.



No clichê Mr. Alton Hill cujos dados biográficos publicamos.

Como podemos constatar, o Sr. Hill é portador de larga experiência no campo educacional verificamos assim que o governo norte-americano não mandou nenhum leigo para a direção do Centro.

Também não será surpresa sabermos que o Sr. Hill foi agraciado com honrarias especiais, no país, tais como Estudante Honorário no Colégio, membro da sociedade honorária educacional, conhecida como Phi Delta Kappa, Membro do Instituto escolar S. C. Johnson, Inc., além de membro de várias comissões nacionais em Educação Vocacional.

Nossas boas-vindas ao Sr. Hill com votos para sua administração seja fecunda em Curitiba.

O Cinquentenário do Ensino Industrial na E. T. de Vitória

Recebemos, recentemente, um cartão, assinado por Dr. Fernando Alves Duarte, dinâmico diretor da Escola Técnica de Vitória, redigido nos seguintes termos:

Senhor Redator:

Tenho o prazer de remeter-lhe algumas notícias sobre esta Escola, para publicação no Boletim da CBAI.

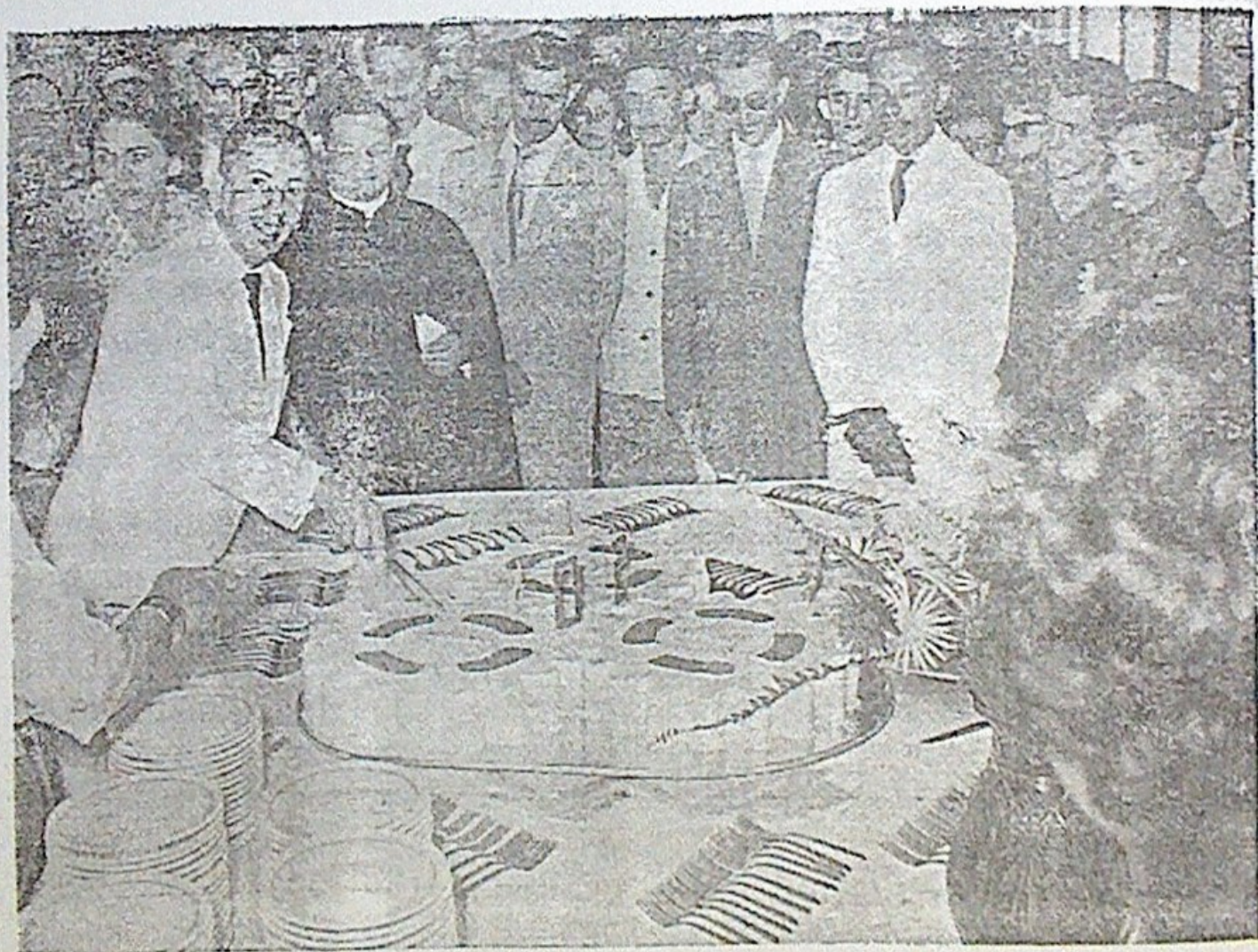
Mando apenas alguns dados e fotografias, para que essa Redação organize o noticiário, dentro das normas do Boletim.

assinado: Cordialmente

Fernando Alves Duarte
Diretor substituto

Sentimo-nos particularmente gratos por essa cooperação, primeiro porque a Escola Técnica de Vitória tem sido uma das escolas que mais apóia emprestam ao Boletim, segundo porque, tendo recebido toda a educação primária e secundária em Vitória, este redator, embora não seja capichaba, nutre particular interesse pelas coisas do Espírito Santo.

Com o cartão, chegou-nos também um programa convite da sessão comemorativa do cinquentenário do Ensino Industrial no Brasil, realizado no dia 23 de Setembro de 1959, às 20 horas, além de outras notícias.



O Diretor da Escola Técnica de Vitória parte o bolo do cinquentenário.

O noticiário de Vitória veio assim redigido: "Como as demais escolas da rede federal, a E. T. V. comemorou condignamente a passagem do cinquentenário da criação das escolas federais.

Para melhor ilustrar o noticiário anexamos algumas fotografias, programas e o n.º 66 do "E. T. V." que traz farto noticiário do acontecimento.

A seguir, o vasto programa preparado pela E. T. V. em Setembro do ano passado:

Dia 19 — Missa Campal, lanche, torneio quadrangular de futebol, entre colégios pela disputa do Troféu "Nilo Peçanha", oferta dos professores da E. T. V.

Dia 20 — Demonstração de educação física. Abertura da Exposição. Almôço de confraternização (Professores, Funcionários, ex-alunos, Grêmio "Rui Barbosa" e representantes da Imprensa fa-

lada e escrita e Fundação da Associação de Ex-alunos. Visita dos pais de alunos e fundação da Associação de Pais e Professores — Entrega das Bolsas de Estudo.

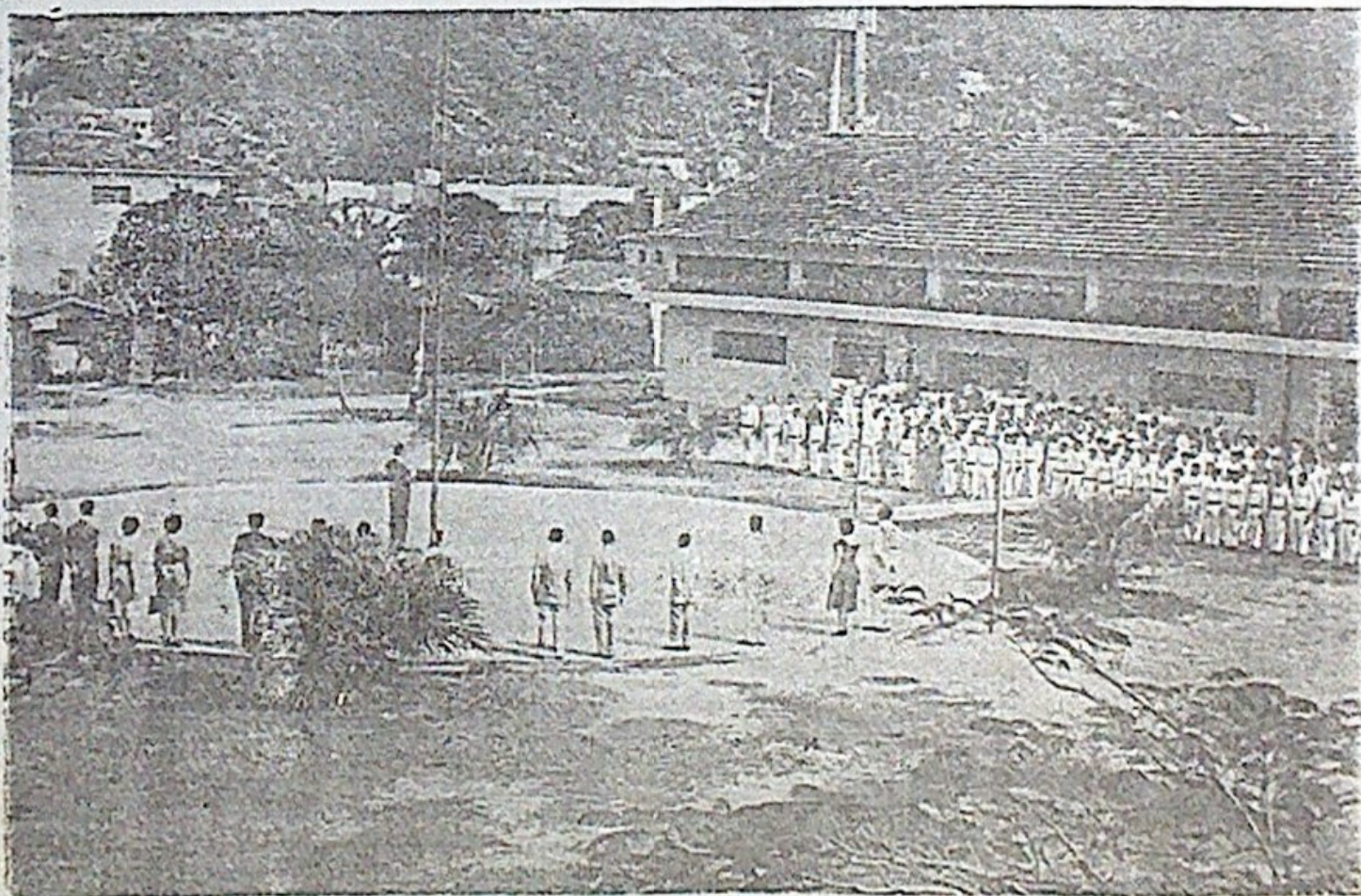
Dia 21 — Pic-nic na Praia da Costa.

Dia 22 — Visita à Exposição. Sessão recreativa no Auditório (alunos e conjunto musical E. T. V.). Sessão Teatral no Auditório (Teatro Juvenil da E. T. V.), sob a direção do professor Américo Guimarães Costa.

Dia 23 — Alvorada. Hasteamento da Bandeira Nacional. Alocução pela professora Juraci Loureiro Machado. Desfile: alunos, ex-alunos, professores e demais funcionários. Sessão comemorativa no Auditório.

Como vêm os leitores um vasto programa para comemorar uma grande data.

Assim marcha a Escola Técnica de Vitória.



Um aspecto do hasteamento da Bandeira Nacional no dia 23 de Setembro.

Cel. Ernâni Santos na E. T. C.



★

Cel. Ernani Santos, quando em companhia de seu assessor técnico, Engenheiro Antônio Gabriel Froes e do Dr. Lauro Wilhelm ouvem o prof. Gastão Schmidlin, chefe do curso de Eletricidade.

★

Nos dias 10 e 11 de fevereiro a Escola Técnica teve o prazer da visita do Cel. Ernâni José Santos Júnior, diretor executivo do Plano Postal Telegráfico. O ilustre visitante fazia-se acompanhar do Engenheiro Antônio Gabriel Froes, seu assessor técnico. O redator do BOLETIM teve o prazer de entrevistar o Cel. Ernâni que discorreu sobre o serviço que dirige.

O Plano Postal-Telegráfico é um órgão subordinado ao Ministério de Viação e Obras Públicas, cuja finalidade é executar o plano postal telegráfico, como o nome indica.

O nosso visitante está fiscalizando o tronco sul que vai do Rio a Porto Alegre. O trecho Rio-São Paulo já está pronto. No momento procede-se à montagem do equipamento. O trecho S. Paulo-Curitiba está sendo atacado no momento em ambas as extremidades. As obras vêm sendo atacadas também de Porto Alegre, passando por Caxias do Sul, Lajes, Rio Negro, Curitiba, S. Paulo e Rio.

Na parte postal a repartição está cuidando de abrir novas agências e melhorar os serviços a ela afetos.

Não foi este, porém, o motivo da visita do Cel. Ernâni à Escola Técnica de Curitiba.

Atendendo à melhoria dos serviços, o Plano não se descuroou da formação de pessoal habilitado. E' assim que existe, no Rio, o Curso de Aperfeiçoamento dos Correios e Telégrafos, na Rua Conde de Bonfim. Apesar de a verba ser pequena, pois só dispunha no ano de 1959 de quatro milhões de cruzeiros, foram dados no mesmo ano dezesseis cursos, inclusive um de engenheiro em telecomunicações, um dos justos motivos de orgulho do Cel. Ernâni, pois excetuando o curso mantido pelo Exército, este é o primeiro curso dessa natureza.

Além desse curso de nível superior, outros de nível médio, foram dados, tais como rádio, equipamento eletrógeno, equipamento telegráfico, aparelhagem telegráfica, construção de linhas e cabos, manutenção de viaturas e mecânica de teletipo.

Este ano a verba é de trinta milhões. Com isso, foi criada a Cotep (Comissão de treinamento de pessoal especializado), cujo presidente é o Sr. Ministro da Viação, tendo como demais membros Dr. Francisco Montojos, Diretor do Ensino Industrial e Superintendente da CBAI, Dr. Libero Miranda, diretor dos Telégrafos, e Dr. Cedar Peixoto

Autoridade Educacional Goiana Entre Nós

No dia 29 de dezembro do ano recém-findo tivemos a satisfação de receber a visita do Prof. Iron da Rocha Lima, Diretor do Departamento de Educação da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. O ilustre goiano veio acompanhado de seu filho, Prof. Léo da Rocha Lima, Catedrático de Aparelhos e Operações Industriais da Escola de Química da Universidade do Paraná.

O diretor desta Escola, sabendo de nossos laços estreitos com o Estado de Goiás, pediu-nos para acompanhar, na qualidade de cicerone, os visitan-

tes, por tôdas as dependências desta escola, dando-nos assim oportunidade para uma demorada palestra com o ilustre homem público de Goiás, que nos deixou magnífica impressão pelo seu perfeito conhecimento das questões educacionais e seu largo tirocinio, como velho professor que é.

O BOLETIM agradece a visita do Prof. Iron e oferece, desde já, os seus préstimos, com tudo que possui e possa contribuir para as boas relações entre o Paraná e Goiás.

★

O Prof. Iron da Rocha Lima enire o Diretor desta Escola e seu filho Prof. Léo da Rocha Lima em pose especial para o BOLETIM.

★



Moreira, diretor da Escola de Aperfeiçoamento dos Correios e Telégrafos.

Das reuniões dêsse grupo resultou a recomendação de que alguém viesse a Curitiba, a fim de verificar quais as possibilidades de formar aqui um núcleo de formação de pessoal, aproveitando as facilidades da Escola Técnica de Curitiba e o nosso Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores.

Foi então designado o Cel. Ernâni Santos para essa sondagem. O Cel. Ernâni em tom de blague nos disse que pretende explorar ao máximo o Cen-

tro e a CBAI, mas a verdade é que, se todos trabalhamos para o mesmo fim, isso jamais seria exploração e, sim, preciosa cooperação que nós teremos imenso prazer em prestar.

O Cel. Ernâni Santos confessou-nos estar ôtimamente impressionado com a Escola Técnica e com o Centro e que Dr. Montojos foi muito modesto quanto ao que disse desta Escola.

Honrou-nos sùmamente a visita do ilustre homem público e aqui estamos para com êle cooperar.

TREINAMENTO DE ORIENTADORES EDUCACIONAIS PARA O ENSINO INDUSTRIAL

(Continuação do número anterior)

Atividades do Serviço de Orientação	Informações e Habilidades Pessoais	Métodos ou Material
<p style="text-align: center;">II</p> <p style="text-align: center;">Informação Profissional</p> <p>Obter e tornar adequados os dados a respeito de oportunidades de trabalho e os relacionados com treinamento requerido:</p> <p>Na comunidade Na região Na nação</p>	<p>Habilidade de colher dados com a família.</p> <p>Saber como se deve iniciar e manter um fichário de informações.</p> <p>Conhecer as técnicas de como tirar o essencial das descrições de profissões.</p> <p>Familiarização com dados a respeito de procedimentos para organizar e conduzir um levantamento de mercado de trabalho.</p> <p>Familiarização com dados a respeito de informações sobre profissões.</p>	<p>Livros.</p> <p>Fichário para os panfletos.</p> <p>Levantamento do mercado do trabalho.</p> <p>Estabelecimento de relações com o Ministério do Trabalho.</p> <p>Subscrições de publicações relativas ao assunto.</p> <p>Estudos de "follow-up".</p> <p>Associações profissionais.</p> <p>Visitas às indústrias e escolas.</p> <p>Fichário com boletins escolares, catálogos e anúncios de cursos.</p> <p>Quadro com o levantamento de oportunidades da região.</p>
<p style="text-align: center;">III</p> <p style="text-align: center;">Informação Educacional</p> <p>Obter e tornar adequados os dados a respeito de informações das oportunidades educacionais e do treinamento requerido:</p> <p>Cursos acadêmicos</p> <p>" profissionais</p> <p>" industriais</p> <p>" técnicos</p> <p>" comerciais</p> <p>" suplementares</p> <p>" de aprendizagem</p>	<p>Conhecimento geral dos currículos que encaminham e preparam nas diversas profissões.</p> <p>Conhecimento das várias escolas e programas de treinamento da região e das exigências para ingresso.</p> <p>Familiarização com o tempo exigido e com o preço de cada um dos cursos.</p> <p>Conhecimento das possibilidades de obtenção de auxílios financeiros para os estudantes.</p> <p>Conhecimento do número de vagas em cada um dos cursos.</p>	

Atividades do Serviço de Orientação	Informações e Habilidades Pessoais	Métodos ou Material
<p style="text-align: center;">IV</p> <p>Aconselhamento Entrevista preliminar (quando faltam dados ao orientador). Para explorar os problemas do orientando, a fim de indicar os testes e outros meios necessários para obter dados essenciais.</p> <p>Entrevistas de aconselhamento.</p> <p>Para suplementar dados individuais obtidos e interpretar a significação dos dados obtidos.</p> <p>Para ajudar o orientando a formular a linha de conduta.</p>	<p>Conhecimento e habilidade em usar a entrevista como técnica de aconselhamento.</p> <p>Habilidade de fazer relatórios. Habilidade de usar a entrevista como auxiliar na interpretação das escalas e perfís dos orientandos.</p> <p>Entender quais são as funções da entrevista.</p> <p>Habilidade de terminar a entrevista de tal maneira que o orientando acompanhe o aconselhamento formulado.</p>	<p>Fichas para resumo da entrevista.</p> <p>Dados tirados da ficha cumulativa.</p>
<p style="text-align: center;">V</p> <p>Estabelecimento de Relações com a Comunidade. Com agências especiais para casos problemas (case-study). Com escolas e agências de treinamento (SENAI). Com serviços de emprego e indústrias da região.</p>	<p>Conhecimento de serviços especiais livres de quaisquer ônus: psiquiatras, serviços médicos e dentários, serviços sociais, etc.</p> <p>Relações com o pessoal encarregado dos serviços de emprego das diversas indústrias da região.</p>	<p>Contatos pessoais. Troca de correspondência.</p> <p>Questionários para serem utilizados de acordo com o caso.</p>
<p style="text-align: center;">VI</p> <p>Acompanhamento Acompanhar o progresso do aluno durante o curso: Verificar se o orientando segue o aconselhamento e estimular a mudança de planos quando necessário. Fazer uma sistemática avaliação do sistema total de aconselhamento. Manter contato com todos os alunos que deixam a escola (graduados ou desistentes).</p>	<p>Habilidade de desenvolver no orientando confiança em si e auto-direção.</p> <p>Familiarização com os métodos científicos e estatísticos.</p> <p>Habilidade de fazer relatórios.</p>	<p>Visitas pessoais.</p> <p>Estudos sobre acompanhamento.</p> <p>Uso de questionários de acompanhamento.</p>

Atividades do Serviço de Orientação	Informações e Habilidades Pessoais	Métodos ou Material
<p style="text-align: center;">VII</p> <p>Colocação Ajudar os alunos a encontrar o seu primeiro emprego. Ajudar os alunos a desenvolver hábitos saudáveis que determinam a segurança no emprego.</p> <p style="text-align: center;">VIII</p> <p>Criar opinião pública favorável em relação ao Serviço de Orientação e tornar conhecida a escola.</p>	<p>Conhecimento preciso da filosofia da Orientação. Familiarização com os objetivos de outras organizações da comunidade. Habilidade de definir claramente os objetivos da orientação. Habilidade de falar diante de grupos.</p> <p>Habilidade de travar relações. Manter contato permanente com o pessoal encarregado dos serviços de Emprego das indústrias. Ter o levantamento do procedimento do ex-aluno no emprego. Utilização da técnica de Orientação em grupos.</p>	<p>Organizar comissões.</p> <p>Contatos com pessoas ou com agências que possam auxiliá-lo.</p> <p>Fazer arranjos para falar a respeito da escola. Organização de Clubes de Pais e Professores.</p> <p>Cartas apresentando o aluno. Questionários para serem enviados aos industriais.</p> <p>Auxílios Visuais.</p>

3. CURSO DE TREINAMENTO DE ORIENTADORES

A preparação de orientadores educacionais requer treinamento em várias áreas que devem ser abrangidas por este curso de treinamento representada em denominador comum de conhecimentos necessários aos orientadores independentemente do campo onde ele vai exercer as suas atividades.

Adicionalmente a preparação neste trabalho, o treinamento especializado em certas áreas específicas é necessário, dependendo do tipo e nível do Serviço de Orientação. É desejável que várias instituições que pretendam tomar orientadores se preocupem em manter cursos suplementares e que os orientadores continuem o seu aperfeiçoamento no trabalho.

3.1. OBJETIVOS GERAIS DO CURSO

— Levar os futuros orientadores a compreenderem o sentido, o valor e a filosofia da orientação;

- Desenvolver nos futuros orientadores as atitudes e as habilidades necessárias no desempenho das funções do orientador;
- Estudar os meios para incrementar as relações entre administradores, professores e orientadores, fazendo com que a orientação se integre no programa da instituição.
- Estudar as técnicas da orientação.
- Estudar as relações entre a escola e a comunidade, fazendo com que a orientação seja por ela compreendida e aceita.

3.2. OBJETIVOS DAS ÁREAS DE TREINAMENTO

3.2.1. Filosofia e Princípios de Orientação

Objetivo: Assistir os futuros orientadores, no desenvolvimento de uma filosofia adequada aos serviços de orientação e o entendimento dos princí-

ARTES INDUSTRIAIS

(Conclusão da pág. 4)

intimamente relacionadas umas às outras. Por exemplo, se o aluno escolhesse trabalhos em metal, seu tempo de oficina incluiria experiências nas seguintes oficinas; ajustagem, serralheria, fundição e mecânica de máquinas. A eletricidade poderia abranger rádio e televisão. As artes gráficas poderiam incluir impressão, encadernação e desenho geral. Os trabalhos em madeira poderiam incluir todas as atividades intimamente relacionadas, tais como trabalho manual, trabalho com máquinas, entalhação, acabamento e estofaria.

pios de orientação que estão em harmonia com esta filosofia.

3.2.2. Estudo do indivíduo (Psicologia)

Objetivo: Ajudar o orientador a entender a dinâmica do comportamento humano de maneira a interpretar as necessidades e problemas do orientando.

3.2.3. Testes e Medidas

Objetivo: Fazer com que os orientadores conheçam as técnicas de estudo do indivíduo, as seus volúres e limitações, e os métodos estatístico de síntetização de todos os dados a respeito do indivíduo.

O treinamento, nesta área, deve incluir trabalhos práticos supervisionados na aplicação das técnicas de estudo do indivíduo e na tabulação, interpretação e sintetização de dados.

3.2.4. Informação Educacional e Profissional

Objetivo: O estudo desta área provê o aluno com dados sobre os fatos correntes, concernentes às condições de emprêgo e oportunidades de trabalho, facilidades de treinamento, em vista das condições sócio-econômicas. Deve ressaltar dêste curso um reconhecimento da necessidade de dados precisos para orientação e a familiarização com os principais materiais e recursos utilizados para informação ocupacional e educacional e habilidade em usá-las.

3.2.5. Técnicas Utilizadas em aconselhamento

Objetivo: Preparar o orientador para a utilização das técnicas usadas no aconselhamento.

(Continúa no próximo número)

Com efeito, isto ainda seria o rodízio mas com períodos de tempo maiores e mais especialização em cada oficina. Os objetivos primordiais, contudo, seriam ainda os do nosso programa de artes industriais do 1.º e 2.º anos, de ênfase no treinamento para proficiência no ofício e maior ênfase ainda do conhecimento geral e nas oportunidades de auto-expressão. Por exemplo, um projeto ideal para o menino, no campo dos trabalhos em metal, poderia ser um simples modelo de máquina a vapor. Ele fundiria o cilindro e a armação na fundição, faria as operações mecânicas na oficina mecânica, planejaria e soldaria a caldeira na oficina de serralheria, em outras palavras, um projeto de interesse do aluno e ainda destinado a coordenar todas as atividades no campo de trabalhos em metal. Este e inúmeros outros projetos de interesse dos alunos pode ser incorporado aos nossos programas, não só no campo dos trabalhos em metal mas também em madeira, artes gráficas e eletricidade. O limite só pode ser determinado pelo interesse e habilidade de nossos professores.

Alguns irão indagar "porque tanta ênfase em tornar este trabalho interessante? Penso que a principal razão para isso pode ser explicada muito facilmente. É um simples problema de aritmética envolvendo porcentagens. Sabemos que somente uns 15% dos jovens que se matriculam nas escolas industriais completam os 4 anos de curso. Está claro que 85% nunca conclue. Algumas dessas desistências podem ser causadas por problemas financeiros ou de família mas grande número de alunos deixa de concluir, simplesmente por falta de interesse.

Se nós, como professores pudermos estimular o interesse de nossos alunos e nos esforçarmos em tornar o trabalho mais atraente, tenho a impressão que esta proporção poderia ser invertida.

Um menino de onze anos não sabe, geralmente, qual será sua vocação; terá de ser auxiliado e necessitará que lhe dê oportunidade para fazer sua própria escolha. Precisamos nos lembrar sempre que estamos tratando com seres humanos, meninos e meninas com aspirações e esperanças no futuro e nós como professores estamos numa posição ideal para lhes conceder oportunidades de realizar o seu potencial.

Notícias de Ouro Preto

Chegou-nos de Ouro Preto excelente material, que ilustra o brilhantismo da cerimônia de "Colação de Grau" dos técnicos metalúrgicos de 1959.

O fato teve ampla repercussão, particularmente o discurso do paraninfo, eng. Jaime Araujo.

Vejamos o comentário do diário "Estado de Minas", em sua edição de quarta-feira, 23 de dezembro de 1959 que dispensa maiores comentários.

"O eng. Jaime Araujo impressionou os círculos universitários de Ouro Preto com a sua oração de paraninfo da turma que, este ano, concluiu o curso na Escola Técnica da velha cidade. É que fugindo de divagações, o chefe do Departamento Técnico da CSBM fez um discurso objetivo, contando a sua experiência de engenheiro da Belgo Mineira na usina de Sabará e as relações que têm na indústria moderna o engenheiro e o técnico. Foi um trabalho com substância e vida, apreciado pelos jovens que diplomavam, como por seus professores."

DISCURSO PRONUNCIADO POR OCASIÃO DA "COLAÇÃO DE GRAU" DOS TÉCNICOS METALURGISTAS DE 1959 PELO PARANINFO, DR. JAYME BENEDITO DE ARAUJO

Meus prezados afilhados,

Falo-vos com a emoção com que recebi vosso honroso convite para paraninfo este ato que é um dos mais significativos de vossas vidas. Lembro-me que, naquela oportunidade, eu vos ponderei que não atinava bem com a justiça de tão elevada deferência. Não compreendia como, tendo para homenagear tantos luminares do magistério ou da indústria, fostes escolher a mim, que nada mais sou do que um modesto engenheiro.

Reconheço agora que me faltou naquele momento emocional a noção da exata medida de que é capaz a alma generosa da mocidade. Em verdade, vendo diante de si tantos nomes muito melhor credenciados para patrocinar esta brilhante festa de vossa formatura, quisestes, com vossa escolha, distinguir em mim um amigo, aquele que, tendo como uma de suas funções na indústria, em

que trabalha, estabelecer o contato entre a escola e a sua Empresa, tem tido oportunidade de demonstrar estima e apreço pelos vossos estudos, pela vossa profissão e por vossa escola.

Por dever de justiça, cabe-me proclamar que dessa estima e desse apreço participa igualmente a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, em todos os escalões de sua hierarquia funcional. Quero, portanto, partilhar a honra que me concedestes com a diretoria de minha Empresa, com os seus engenheiros, técnicos e demais funcionários, vale dizer, com uma legião de velhos e dedicados amigos da Escola Técnica.

Tanto quanto a honra que envolve, o vosso convite me proporciona uma das mais caras alegrias de minha vida: a de poder falar, com o coração ao largo, aos moços, nesta mesma e querida cidade onde, há trinta anos, me preparei para a vida profissional e onde vivi os instantes mais felizes e fecundos de minha juventude.

Vossa fidalguia me proporciona, efetivamente, o prazer de conviver mais uma vez com os estudantes de Ouro Preto, os quais embora constituindo uma população flutuante e oriunda dos mais diferentes rincões do país, entra ano, sai ano, mantêm inalterada a sua característica singular, que poderia servir de exemplo aos demais centros educacionais do país: o convívio realmente fraternal, que gera amizades tão bem cimentadas que são capazes de resistir lá fora à ação desagregadora do tempo e da distância.

Para o estudante de ontem, visitar Ouro Preto é vivificar os olhos e o coração, ao testemunhar que aqui é permanente e vivi o mesmo espírito de solidariedade de irmãos que sempre norteou a vida da mocidade que se plasma para o futuro no estudo e na meditação, circundada pela natureza austera e repousante da tradicional Vila Rica.

Ouro Preto, erigida em monumento histórico, luta para que não se desvirtue a sua feição urbanística; suas características espirituais, porém são marcantes e imutáveis. Se me permitissem fixar numa expressão o que me vai n'alma quando cruzo em Ouro Preto com um grupo de moços-ruidosos,

(Continúa no próximo número)